

NECROPOLÍTICA E EDUCAÇÃO, DESAFIOS PARA O TEMPO PRESENTE

Castor Mari Martín Bartolomé Ruiz¹

A principal característica da biopolítica é ter inserido a vida humana na estratégia dos cálculos utilitaristas, como mero insumo ou recurso natural. Desse modo, a vida humana é objetivada a modo de mercadoria produtiva. A vida humana objetivada é capturada e fica exposta de forma vulnerável a um duplo movimento: aceleração produtivista ou abandono improdutivo. De um lado, enquanto mercadoria objetiva, a vida é ajustada às estratégias de rentabilidade máxima de todas as suas potencialidades. Contudo, na estratégia biopolítica, a extração produtiva da vida humana não se realiza pela mera força, senão que se elaboram dispositivos através dos quais se pretende governamentalizar os comportamentos dos indivíduos provocando uma adesão voluntária às demandas estratégicas desenhadas. A biopolítica moderna, desde o século XVIII, não cessou de investir em dispositivos de governo das condutas e condução dos comportamentos das populações, através dos mais diferentes métodos: seja a burocracia estatal, a propaganda do mercado, a produção por metas, ou a atual algoritmização da vida. A biopolítica captura a vida humana enquanto elemento produtivo e a valoriza quanto mais rendimento ou lucratividade produz.

Por outro lado, quando a vida humana é considerada improdutivo, se implementa o segundo movimento: a estratégia do abandono. As vidas irrelevantes sofrem a estratégia do abandono como meio para conseguir a sua descartabilidade social. Abandonar significa condenar a um tipo de morte social ou real. O abandono utilitarista das vidas improdutivas ou irrelevantes opera nos cálculos da gestão burocrática e/ou empresarial que, por exemplo, condena ao abandono da doença mortal as vidas que não podem pagar um plano de saúde ou não têm alimentos

¹ Prof. permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNISINOS.

suficientes, etc. Deste modo, a morte entra sorrateiramente calculista nas estratégias da política, transformando a biopolítica em necropolítica.

A necropolítica nada mais é que a gestão utilitarista de morte de vidas descartáveis para que os resultados finais das planilhas organizacionais apresentem um saldo positivo. O processo de contaminação da política pela necropolítica não tem cessado de ampliar-se aos diversos setores e áreas inerentes à vida humana, entre elas a educação. A educação é uma das dimensões mais sensíveis da condição humana contemporânea. Está confirmado que nas sociedades do conhecimento, os estamentos sociais são produzidos, principalmente, através dos processos hierarquizados de educação. Um modelo dominante da educação atual, na perspectiva biopolítica amplamente impulsionada pelo neoliberalismo, almeja tornar cada indivíduo num “empresário de si”, gerenciando seus conhecimentos e habilidades como uma empresa para obter rendimento e lucratividade de toda sua formação. A transformação neoliberal do cidadão num empreendedor de si provocou um grande impacto sobre o sentido da educação, que passou a se tornar uma espécie de treinamento básico para o empreendedorismo individual. Educar passou a ser sinônimo de aprimorar “habilidades e competências” para se inserir no mercado.

O empresário de si, como modelo de subjetivação, traz como correlato a necessidade de que as vantagens de uns se implementem sobre as desvantagens de outros. Há um cálculo utilitarista da exclusão neste modelo educativo, que desenha a sociedade pela lógica da competição darwinista e da vitória do mais forte ou capaz. A educação, na perspectiva do neo-darwinismo social, se tornou a “arma” que possibilita a uma minoria escalar ou se manter no topo da pirâmide social como triunfadores, submetendo muitos outros à condição de massa instrumentalizada. Nesse cálculo, já se prevê a submissão de um número indeterminado de vidas humanas à condição de descartabilidade, como uma espécie de fenômeno colateral inevitável. Essa racionalidade utilitarista instrumentaliza a morte social das vidas descartáveis como parte inerente a uma suposta “lei” do mercado. Deste modo, a



necropolítica passou a integrar as lógicas de determinados modelos de educação, que projetam a descartabilidade de vidas humanas como elemento constitutivo da própria educação.

A racionalidade necropolítica da educação anteriormente esboçada atinge dimensões mais graves, e até trágicas, quando aplicada na realidade brasileira, que já carrega uma herança trágica do escravismo e da desigualdade social histórica nunca estruturalmente confrontada. É uma espécie de tarefa crítica permanente viabilizar a desconstrução da suposta naturalização necropolítica da educação no Brasil. A necropolítica da educação no Brasil se diversifica em práticas territorialmente capilares que abrangem tanto práticas brutais de racismo violento, como sofisticados dispositivos de confinamento e exclusão de populações inteiras durante gerações, sem possibilidade de acesso a uma educação digna e cidadã.

A responsabilidade por confrontar de modo permanente a racionalidade necropolítica da educação no Brasil motivou a existência desta obra que convoca a um conjunto de pesquisadoras-es para pensar criticamente a realidade da necropolítica na educação e as várias práticas através das quais ela se torna operativa. O leitor vai poder transitar por um particular caleidoscópio de perspectivas críticas entorno da necropolítica e a educação nos tempos de hoje. Uma reflexão que percorre trilhas temáticas como “A pandemia da necropolítica nas instituições de ensino superior”; “Para além da biopolítica: notas sobre a tanatopolítica e necropolítica”; “A escola e a produção de corpos abjetos: acoplamentos bio-necropolíticos”; “A educação como serviço essencial no contexto `neoliberal´da pandemia no Brasil”; “Judialização realizada pelo UNICEF de crianças e adolescentes de 1990-2018: biopolítica e necropolítica”; “Manifesto por uma educação jurídica antirracista”; “Necropolítica, violência racial e uma pedagogia da declosão como seu contraponto”; “O homo sacer como categoria política: a legalidade da morte infantil”; “O modo de ser hermenêutico de Gadamer e os modos de subjetivação de Foucault podem nos ajudar a pensar a educação em tempos necropolíticos?”; “Necropolítica, necropoder: face a face com a existência humana”;



Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº1, jan/jul 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

“A biopolítica e a necropolítica, nos ‘tristes trópicos’: neoliberalismo e racismo econômico no Brasil pós-2016”.

Esta obra nos alerta que a mera reflexão não muda a realidade, mas que a realidade não mudará sem uma reflexão crítica. Esse é o objetivo e a oferta que esta obra faz para os leitores. Coloca perante nossos olhos uma pluralidade crítica de perspectivas, e semeia em nós a abertura para novas práticas de forma-de-vida e de modos de subjetivação onde a vida humana escape aos modos de instrumentalização utilitarista. Essa foi a origem da paideia e continua a ser o grande desafio da educação sempre por vir.